História, Memória e Benzimentos

Oséias de Oliveira*
Milene Aparecida Padilha**

Resumo: A partir deste artigo nos propomos a estabelecer as relações existentes entre memória, história e benzimentos bem como suas funções na identificação das tradicionais benzedeadas. Sabemos que durante muitos anos, estas mulheres foram tratadas de maneira desprezível, marginalizada pela sociedade sob a alegação de que seu conhecimento era informal e, portanto, indigno de reconhecimento. Porém, verifica-se que a cada dia, as benzedeadas vêm conquistando seu espaço, seja na comunidade em que vivem, seja no bairro, na cidade ou até mesmo na região. Esta conquista se estabelece, dentre muitos outros aspectos, a partir da vinculação que elas fazem entre o seu “dom”, sua história e suas memórias, que se constituem parte de todo um processo de identificação e auto-definição de tais pessoas. Percebemos então, que existe um laço entre estes três fatores que nos fazem entender melhor a maneira como estas ligações interferem na cultura popular das benzedeadas. Propomos-nos a analisar como estas memórias interferem no dia-a-dia destas mulheres conhecidas benzedeadas, de que maneira elas fundamentam a existência de tais pessoas, qual a sua ligação com o sagrado, com o simbólico e com o material. Levaremos em conta todo este processo de análise das memórias tomando em consideração o modo como estas pessoas vivem, bem como sua cultura, suas noções de vida e de mundo, suas concepções acerca desta cultura, mais propriamente deste ofício, tratado por tais pessoas como um dom, recebido por Deus para auxiliar o próximo. Também se faz presente em nossa análise as discussões a respeito do tema, que ora é relacionado às práticas da medicina popular, ora às manifestações culturais religiosas. Não descartamos estas análises, mas ao contrário, nos baseamos nelas para, a partir de uma comparação estabelecer que, não são apenas estes fatores que determinam a permanência desta cultura, porém é a existência de uma memória, individual e coletiva que faz com que estas demais configurações culturais sejam possíveis. A memória traz à tona as lembranças resgatadas por tais pessoas e faz com que estas passem a ter uma auto-afirmação, ou seja, esta memória, vinculada a seu saber e também ao simbólico e ao sagrado faz com que as benzedeadas continuem lutando por sua cultura, pela permanência de sua tradição. A memória então, se estabelece de igual maneira, como força de resistência e de identificação numa cultura que está passando por um processo de ressignificação e auto-afirmação.

Palavras-chave: benzimentos, memória, história, identidade, cultura.

História, Memória e Benzimentos sob novas perspectivas

É praticamente impossível falar de história sem falar em sujeitos desta história. A partir do momento em que nos colocamos frente a este assunto, devemos lembrar que estamos tratando de algo extremamente subjetivo, construído diariamente, em constante movimento e mutação e por estes motivos, ambígua, como nos diz Le Goff (1996):

Estamos quase todos convencidos de que a história não é uma ciência como as outras – sem contar com aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem introduzem-nos no próprio âmago das ambiguidades da história (LE GOFF, 1996, p. 17)

Desta forma, podemos perceber o quão é difícil tratar do tema histórico, levando em consideração que a história não é apenas uma ciência como as demais mas também que ela trata de objetos, de fatos que as outras ciências não tratam, que ela não possui apenas uma especificidade mas várias. A história não é apenas um depoimento, mas o seu conjunto: o depoimento e o sujeito que está depondo; não apenas a fonte, o documento, mas também a relação entre a fonte, o documento e o pesquisador que está analisando estes. Assim, torna-se possível perceber que a história estabelece um vínculo entre sujeito e objeto, o que não é pertinente às outras ciências, especialistas em um ou outro objeto.

Partindo desta concepção inicial, que o autor nos dá em relação à história, podemos conciliá-la com a história das benzedeadas. Se, por um lado, falar de história não é fácil, por outro, falar da história das benzedeadas, dos benzimentos também não o é. As benzedeadas, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização que se faz mais presente a partir dos séculos XII e XIII, com as Inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetavam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações. Como sabemos inúmeras delas foram queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em bater de frente com os dogmas da Igreja.

Mas mesmo após séculos do fim da Inquisição, as benzedeadas ainda são tratadas como se estivessem ligadas aos males da sociedade, como se nada representassem. Em pleno século XXI ainda permanece a marginalização deste ofício tradicional de cura, que em meio a tanta repressão continua encontrando forças para resistir e preservar a sua cultura.

Quando tratamos da questão benzimentos, muitas pessoas costumam relacionar o tema a questões religiosas e também com a medicina alternativa, ou seja, é bastante incomum pensar no benzimento, e aqui mais especificamente nas benzedeadas como fator cultural, econômico, político, social e mais difícil ainda visualizá-las como portadoras de uma memória e de uma história, que as permite identificar-se como tal, que as permitem afirmarem-se enquanto benzedeadas e defender a sua tradição.

A partir do momento em que nos propomos a pensar nas benzedeadas, nestas mulheres que detêm um conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração, temos que pensar nos fatores de identificação, isto é, nos elementos culturais que as determinam como benzedeadas. Dentre estes elementos podemos destacar as memórias que estas mulheres possuem e que estão diretamente relacionadas com sua história, uma história de lutas, sofrimentos e resistências, que vem sendo travada desde o tempo da Inquisição, da qual mencionamos anteriormente. Tais memórias vêm com o objetivo de fazer com que estas mulheres e a cultura da qual elas fazem parte, possam sair da invisibilidade social e passar não apenas para o reconhecimento formal, mas também pelo reconhecimento social, que é o seu principal desejo, como se pode observar no depoimento de D. Helena:

Eu me lembro das histórias que a minha mãe contava de quando queimavam as benzedeadas na fogueira. E o pior: era Igreja quem fazia isto. Elas eram as bruxa, porque fazia chá, simpatia, oração. Porque ajudava as pessoas a se livrar do mal. E porque naqueles tempo distante não tinha médico, nem nada. Mais agora, eu quero

ser reconhecida. Não só que tenha uma lei pra me defende, porque de nada adianta a lei se eu não for reconhecida por quem faiz a lei, se as pessoas, os grande não me respeitá. Eu só quero continua a minha tradição, o que a minha mãe aprendeu coma minha avó e a minha bisavó e me ensinou, que é pr'eu passa pros meu subrinho, pr'os jovem. (entrevista cedida por Helena de Jesus Rodrigues, em 09/07/2011).

Como podemos perceber, a memória, à qual nós tanto enfatizamos, tem um papel crucial na definição destas mulheres, que são por tradição benzedeadas e trazem consigo o lema de continuar esta tradição. Mas esta tradição apenas prosseguirá diante do reconhecimento social destas mulheres, o que ocorre não apenas pelas leis que as protegem, mas também pelas suas memórias, que as fazem lembrar-se de suas vivências, do que aprenderam, de como aprenderam seus ofícios, sua tradição.

Estas memórias, que traduzem em acontecimentos toda a existência das benzedeadas, sua cultura, sua tradição, as fazem lembrar diariamente porque estão neste mundo, qual a sua missão, e também as remetem a um passado repressor ao qual foram submetidas as suas “companheiras”, como elas mesmas dizem; as remetem às histórias que aprenderam sobre seus santos de devoção, sobre o folclore de sua cultura, os mitos, as lendas,

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões de informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1996, p.423).

Desta maneira, podemos perceber que esta memória tem tanto vínculo às benzedeadas quanto a sua própria cultura, que passa a se fazer presente a partir destas memórias. Porém, da mesma maneira que trabalhar com história, trabalhar com as memórias dos sujeitos não é tarefa fácil.

Primeiramente porque estas memórias estão sujeitas a manipulações, a variações; hoje elas tomam uma forma, mas amanhã, tomam outra. As memórias são passíveis de mutações assim como o tempo. Conforme o tempo passa, muitas destas memórias vão ficando cada vez mais opacas e, embora elas sejam de vital importância para analisarmos a cultura das benzedeadas elas vão se extinguindo cada vez com mais facilidade.

O trabalho de rememorar, que se estabelece através do diálogo entre entrevistador e entrevistado, assemelha-se à maiêutica socrática, sobretudo pela empatia que deve existir (...). Entretanto, vale destacar que a relação que se estabelece entre o sujeito e o passado (da memória) está em constante mudança, diferentemente da “verdade” socrática. (MONTENEGRO, 2003, p.150)

As Benzedeadas e a questão da memória como fator de identidade

Para entendermos um pouco melhor sobre esta questão que acabamos de levantar, é preciso estabelecer alguns fatores de identificação de uma benzedeadas, isto é, quem são estas mulheres:

- ✓ Antes de tudo, as benzedeadas são mulheres simples, normalmente sem muito estudo, que vivem em lugares periféricos e marginais da sociedade;
- ✓ Depois, que são em sua grande maioria senhoras já com idade bastante avançada;
- ✓ Que não cobram absolutamente nenhum tipo de remuneração pela realização de seu ofício;
- ✓ Possuem um conhecimento adquirido tradicionalmente, isto é, repassado ao longo das gerações;
- ✓ São conhecedoras de uma infinidade de plantas medicinais, ervas, chás, tinturas e pomadas, o que faz com que suas práticas sejam

vinculadas a uma medicina alternativa, ou medicina popular, como é mais conhecido.

Desta forma, podemos entender que as memórias, vividas e lembradas constantemente por estas mulheres, se associam a uma série de outros fatores, como estes que acabamos de citar e que fazem parte de sua autoafirmação e identificação como tais. As benzedeadas, diferentemente do que se costuma pensar, estão ligadas através da memória, a uma série de conhecimentos, que caracterizam a sua importância como grupo social e como povo constituinte desta nossa nação.

Pensar as benzedeadas apenas como alguém simples, desconhecida da sociedade, atrasada, realça as estigmatizações e os estereótipos feitos a seu respeito e torna a desvalorização de sua cultura contínua e em constante crescimento.

E ainda podemos nos basear no que nos mostra Cunha:

O ofício das benzedeadas não pode ser entendido sem que haja o reconhecimento da religiosidade que circula no meio social. A maior parte das benzedeadas dos municípios visitados se auto-define católicas, trabalham por conta própria em função da fé, não cobram pelos seus serviços, algumas vezes recebem benefícios (presentes, dinheiro), e uma parte delas também atuam como parteira da comunidade. Essas mulheres são conhecidas por todo município, são respeitadas enquanto tal, centro de referência para a população, normalmente elas participam da organização dos festejos populares. (CUNHA, p. 04).

Também podemos perceber que existe toda uma ligação entre a benzedeadas e a comunidade em que ela habita; que ela deve ser reconhecida pelos demais, que não realizam de nenhum tipo de cobrança para exercerem seu ofício. Estabelecemos assim, alguns critérios a mais que definem e permitem identificar melhor uma benzedeadas. Mas estes critérios ainda assim, vinculam-se a um aspecto que não deve ser esquecido e que assim como a memória se fazem presentes na identificação das benzedeadas: a relação entre estas memórias, o simbólico e o sagrado.

Todos estes elementos, associados a uma série de outros fatores, tais como a sua religião, a crença nos santos, a realização de festividades culturais como as Romarias de São Gonçalo, em suas comunidades, nos fazem compreender aquilo que acabamos de comentar: que embora as memórias das benzedeadas sejam um fator de extrema importância na auto-definição e afirmação de sua cultura, elas estão ficando opacas e vulneráveis na medida em que o tempo prossegue. Porém, para que estas memórias deixem de ser tão vulneráveis é necessário que o seu detentor tenha passado por uma grande quantidade de vivências, isto é, um número significativo de fatos, como nos mostra Montenegro (2003):

O trabalho de resgate da memória se desenvolve muitas vezes sob a representação de que todas as pessoas idosas são narradoras ou mesmo contadoras de histórias exemplares. Descobre-se, entretanto, que esta é uma capacidade que alguns têm bastante desenvolvida e outros não. Nesse sentido é necessário a um velho ou uma velha terem vivido um grande número de acontecimentos para serem narradores. (MONTENEGRO, 2003, p.152).

Esta memória ainda enfrenta mais alguns problemas de análise, na medida em que trabalhamos com as mesmas. O segundo problema que levantamos aqui é a confusão que muitas benzedeadas fazem no ato de memorar. Levando em consideração que toda a sua história é marcada por uma série de repressões, conflitos, estigmatizações, estereótipos, é bem comum que muitas destas mulheres misturem informações, temporalidades, épocas e retratem uma memória refeita.

Mas ainda assim, esta memória é o que as permitem conduzir seu ofício adiante, olhar para trás e poder calcar em alguma coisa, se basear em algum fundamento para continuar resistindo. Esta memória é a essência destes indivíduos, como nos mostra Pinski (2008):

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto

é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudadas por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender este mesmo grupo, ou a sociedade como um todo. (PINSKY, 2008, p. 167).

Podemos então perceber a partir do que nos fala a autora, o quanto estas memórias, ainda que misturadas, opacas e vulneráveis nos permitem identificar esta cultura. Que mesmo dentro deste processo de construção, as benzedeadas vinculam sua existência a tais memórias e que elas são os elementos principais de identidade e autoafirmação destas mulheres como portadoras de ofícios tradicionais de cura, ou mais precisamente, como benzedeadas.

A memória, a história e as relações entre o sagrado e o simbólico, presentes na cultura das benzedeadas

Dentro desta perspectiva, nos deparamos também com a análise das relações existentes entre história, memória, benzimentos e a questão do sagrado do simbólico e do material. Mesmo enfatizando aqui a memória das benzedeadas como fator crucial para sua autoafirmação, faz-se necessário que entendamos estas relações no âmbito da construção de sua identidade.

A partir do momento em que paramos para analisar a relação entre memória, sagrado, simbólico e material e também a partir do momento em que esta análise pressupõe considerações sobre benzimentos e benzedeadas, nos deparamos numa complexidade de interdependências. Pensar o que estas relações representam numa comunidade que há anos vem sendo estudada e (re)significada, é muito abrangente e necessita, por parte daqueles que as pensam, a análise e o questionamento de alguns fatores principais.

Nossa proposta aqui é tecer as relações entre o simbólico, o sagrado e as memórias decorrentes desta dependência e relação bem como o que estas estabelecem com a cultura popular dos benzedeados e benzedeadas em termos gerais. Para tal, se faz necessário, em primeiro lugar, lembrar a importância que tem a memória na vida das pessoas que curam, benzem e rezam e zelam pela comunidade na qual vivem. Pressupõe-se que:

Entendemos a cultura popular como uma das maneiras possíveis de representação que pessoas, classes ou segmentos sociais utilizam para expressar suas experiências e vivências. Estas formas de expressão popular estão impregnadas não só por misticismos, mas também por formas de sobrevivências, de lutas; refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos. (MACHADO, 2007, p. 02).

Com base no que nos mostra Machado, podemos também estabelecer que a cultura popular, neste caso, a cultura das benzedeadas e benzedeados, construiu-se de tal maneira, e aqui podemos também inserir as memórias, que estabelecem toda a ligação entre estas pessoas e suas práticas. A complexidade deste assunto não está apenas no âmbito da teoria, mas verifica-se na prática também. Diferentemente de muitas pessoas, que procuram ser as mais lógicas possíveis, racionais, desmistificadas de qualquer superstição, as benzedeadas configuram-se o paradoxo; pessoas comuns, mas ao mesmo tempo preñes de misticismos, superstições, histórias, causos e uma variedade de simbologias que faz com que sua identidade seja diferente das demais pessoas, isto é, com que sejam identificadas como portadora de “dons”, benzedeadas, curadeiras, parteiras, rezadeiras e afins.

Porém, vale lembrar que por causa destes mesmos simbolismos que as identificam como uma cultura popular secular, estas mulheres e estes homens, adeptos das práticas de cura, sofrem por parte de entidades vinculadas às Igrejas e ao Sistema de Saúde um enorme preconceito e discriminação, fundamentados na ideia de não possuírem conhecimento científico para comprovar a eficácia de seus métodos ou realizam o que tais entidades comumente chamam de feitiçaria e curandeirismo. Entrar nesta discussão, no entanto, nos

remete a uma complexidade maior ainda do que a memória destas pessoas, e por isso, focaremos nossa ideia central nesta perspectiva.

É necessário entender, que muito mais do que invenções, as memórias que as benzedeadas possuem são um dos muitos critérios de resistência e valorização de sua cultura. Estas memórias são passadas de geração a geração e trazem junto consigo toda a questão do sagrado e do simbólico, que estão enraizados na vida e no discurso das benzedeadas.

Estas memórias refletem um passado, que mesmo não muito distante vinculam-se as suas práticas, ao seu modo de vida, as suas crenças. Estas memórias fazem com que a vida de tais mulheres tenha aí suas fundamentações. Podemos destacar como exemplo de memória, os famosos causos e lendas narrados pelas benzedeadas, como o do boitatá, da mula-sem-cabeça, do lobisomem.

Estas histórias, contadas pelas nossas avós, revelam-nos grandes contradições sobre a condição da mulher, especialmente a idosa, num mundo igualmente repleto de incompatibilidades. A bruxa, a feiticeira e a benzedeadas vivem nesse espaço, entre o divino e o profano, entre o natural e o oculto. Estas mulheres são ao mesmo tempo rejeitadas, temidas e solicitadas. Todas são seres marginais, inclusivamente as avós, que aparecem como as principais agentes de bruxaria e, em muitos casos, as promotoras do mal. Não obstante, a verdade é que estas mulheres que tanto marcaram o nosso viver, eram e continuam ainda a ser, o único refúgio de um povo imerso no isolamento (...). (DODMAN, 2010, p. 79).

Podemos entender a partir de Dodman, que a memória destas mulheres benzedeadas situa-se na esfera do sagrado e do simbólico, onde estão centradas todas as suas energias e práticas. A partir do momento em que uma benzedeadas realiza sua prática ela já não é mais a amiga, a vizinha, a irmã, a tia ou a avó. Ela deixa esta condição para configurar-se como a intercessora, ou aquela que pedirá a Deus por alguém. Também se identifica agora, como alguém que detém um poder, o de curar, de costurar, de rezar.

Esta benzedeadas traz na memória recordações de tudo aquilo que aprendeu com seus antepassados, com seus pais, seus avós, seus bisavós. As orações, as preces, os segredos que devem ser muito bem guardados e não repassados a ninguém, exceto na hora de sua morte. Os ensinamentos sobre as ervas medicinais, suas misturas, como fazer uma tintura, um composto, um chá, uma pomada.

Também estão inseridas nesta memória, as lembranças acerca das histórias, mitos e lendas, que fizeram com que surgisse uma nova tradição, uma nova cultura e, por conseguinte, novas memórias, cujas quais fazem parte desta geração de benzedeadas que têm exatamente nestas memórias uma ponte para aquilo que podemos denominar de identidade.

As memórias fazem parte de todo um ritual, seguido por estas mulheres simples, muitas vezes sem nenhum grau de escolaridade, sofridas, mas exatamente por isto dispostas a ajudar quem quer que seja, colocando ao seu dispor o seu conhecimento tradicional presentes nas suas práticas de cura.

Elas se mostram um fator de identificação, em quais as benzedeadas se apoiam para não apenas se lembrarem de suas histórias antigas, suas vivências, experiências, mas também como critério de auto-definição, isto é, como uma das maneiras das quais dispõem para representarem a sua função perante a sociedade na qual estão inseridas.

Conclusões

Levando em conta todas as observações relativas à questão da história, das memórias e das benzedeadas e relacionadas também à questão do sagrado e do simbólico que estão presentes em suas falas, em suas histórias e em seu ofício, podemos entender que existe aí um vínculo e uma interdependência entre estes fatores.

Uma benzedeira existe porque existe uma história a ser contada, e ela é o sujeito desta história; este sujeito possui memórias, que trazem à tona um passado de repressão, de medo, e que muitas vezes se repete no presente, sob a forma de preconceitos, discriminações, estigmatizações e estereótipos.

Por trás desta memória, existe toda uma relação entre o sagrado e o simbólico, que fazem parte da crença e da cultura tradicional destas mulheres. O sagrado vinculado diretamente às suas orações, aos seus santos de devoção, ao rosário, à missa, aos dias santos, e o simbólico, que por sua vez também é sagrado, relaciona-se aos elementos naturais tais como a água, a terra, o sol, a lua, as estrelas, as plantas e ervas medicinais e que se constituem de igual maneira como autoafirmação da identidade de benzedeira.

Estas memórias se mostram um fator de identificação, nas quais as benzedeiros se apoiam não apenas para lembrar-se de suas histórias antigas, suas vivências, experiências, mas também como critério de auto-definição, isto é, como uma das maneiras das quais dispõem para representarem a sua função perante a sociedade na qual estão inseridas.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Ísis Ferreira. Tipologia das narrativas de remanescentes Quilombolas. Disponível em: http://www.comissoesbaianasdefolclore.org.br/wp_content/uploads/.../artigo7.pdf. Acessado em: 28/06/2011.

DODMAN, Maria João. As nossas avós açorianas: Histórias, Crenças, Superstições. In: Toronto, University of Toronto, Friends of Portuguese Studies, 2010, p.73-79.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão...[et. Al.]. 4ª edição. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1996.

MACHADO. Maria Clara Tomaz. Ainda se benze em Minas Gerais. In: Associação Nacional de História ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História – 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2003.

PINSKY, Carla B. (org). Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2008.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

* Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Campus Irati - Departamento de História.

** Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Campus Irati - graduanda em História.